

DEPOIMENTO ANTÔNIO RIBEIRO ROMANELLI À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS, DATA 20 DE JANEIRO DE 2015.

JOSÉ ALEXANDRE: Gravando, hoje dia 20 de janeiro de 2015, eu José Alexandre Salles e minha colega, assessora...

MARIA APARECIDA: Maria Aparecida Fischer Miranda.

JOSÉ ALEXANDRE: Estamos diante de nosso depoente, Doutor Romanelli, que entendemos que complemente o depoimento iniciado anteriormente...

MARIA APARECIDA: No dia 17 de dezembro de 2014.

JOSÉ ALEXANDRE: 2014. Aqui nesta mesma sala, no sétimo andar do Edifício da Advocacia Geral do Estado.

MARIA APARECIDA: Na sede da COVEMG.

JOSÉ ALEXANDRE: Na sede da COVEMG, então vamos dar continuidade ao depoimento do nosso caríssimo Doutor Romanelli.

MARIA APARECIDA: Então Doutor Romanelli o seu depoimento foi até a narrativa do convite que foi feito pelo Governo Federal para uma assessoria, um apoio jurídico e judiciário aos camponeses não é? O Senhor pode dar continuidade a sua narrativa a partir deste momento.

ANTÔNIO: Pois não, (trecho incompreensível). Na verdade eu recebi este convite em virtude de um trabalho que eu já relatei, que nós íamos, é um grupo de advogado Castro Gonçalves, Antônio de Oliveira Lins e com assessoria dentre outros da (trecho incompreensível), de Jaime Catz, do Elcio Costa, então um homem é que sempre descreve que é um (trecho incompreensível), que hoje se transformou em um líder de direita não é, nós fazíamos, nós tínhamos aqui um grupo que dávamos assistência jurídica e judiciária um grupo de advogados, é aos sindicatos, já então sindicatos, que transformaram a FIFA a primeira associação de

trabalhadores no campo, depois vem de associação vem ligas camponesas, ligas camponesas um sindicato quando houve a abertura para a sindicalização no campo do, Presidente João Goulart. Esse trabalho foi interessante e produziu um certo reconhecimento [sic] e chegou ao conhecimento do Governo Federal, que achou por bem organizar um serviço semelhante a nível nacional e eu recebi o convite para coordenar a organização desse documento, mandaram uma passagem de avião para o dia, é primeiro de maio, primeiro de abril de 1964, e eu já estava em casa nesse dia, me preparando para ir para Brasília, quando o telefone chama, da minha casa, e a voz não se identificou, mas eu reconheci a voz como sendo do, um amigo meu, Mirra, e ele dizia: Romanelli vem aqui para a minha casa agora, porque a turma, há uma turma que esta saindo do palácio para prender você, venha para cá para casa. E eu achei estranho, né, eu tive que interromper qualquer coisa e saber o que quê era pelo menos, tomei meu carro e fui para lá [sic], falou olha é a turma da, do laço amarelo, né, eles usavam uma faixa amarela no braço, que os identificava como é, espécie de agentes revolucionários com poder para prender as pessoas, e eu não...

MARIA APARECIDA: Era os civis [sic]?

ANTÔNIO: Heim [sic]?

MARIA APARECIDA: Era os civis que estava [sic], que tinham sido, vamos dizer recrutados para prestar serviços...

ANTÔNIO: Eram. Eram jovens, na verdade recrutados por uma organização, chamada, era conhecida pelos moços de facha amarela, e eram organizados pelo General Bragança e o Comandante Civil desta facção, deste grupo, sei lá, era o Pedalejo, que depois vem a ser o Presidente da Republica entregou o Brasil ao golpe de 64.

MARIA APARECIDA: Qual que era o general?

JOSÉ ALEXANDRE: Bragança

ANTÔNIO: General Bragança.

MARIA APARECIDA: Bragança.

ANTÔNIO: É. Aí chegando lá na casa de...

JOSÉ ALEXANDRE: Qual que é o nome, Doutor Romanelli, desculpa é Mirra, o senhor lembra o nome dele todo?

ANTÔNIO: De quem?

JOSÉ ALEXANDRE: O do Mirra. O Mirra, o suposto Mirra, era ele mesmo.

ANTÔNIO: Era. Oh gente, me falha, me falha, mas ele era muito conhecido, inclusive meu cunhado, o irmão da minha mulher é casado com uma filha dele né, e nós éramos muito ligados por causa disso, Senhor Nelson Mirra.

JOSÉ ALEXANDRE: Nelson Mirra.

ANTÔNIO: Nelson Mirra.

JOSÉ ALEXANDRE: Obrigado.

ANTÔNIO: E ai eu fiquei na casa dele na (Trecho incompreensível), consegui me comunicar com o Lins, Antônio de Oliveira Lins, e o Lins foi para lá, lá inclusive encontramos e assim atordoados para não saber ainda o que estava acontecendo [sic], direito nós não sabia o que havia em andamento um golpe, mas nós não sabíamos que havia sido já desfechado este golpe [sic]. Então resolvemos ficar ali aguardando dias e posteriormente eu, é fiquei em casa, voltei para casa. Mas é uma situação muito complicada, quando é, de certa maneira fiz retratada (Trecho incompreensível) que eu publiquei em minhas historia do cárcere no Brasil. É minha casa lá do Gutierrez era de dois andares, em baixo, a parte usada por nós era apenas um andar, em baixo era uma espécie de porão e havia um quarto que dava para o quintal da casa, (trecho incompreensível) fora de casa. E eu então fiquei lá escondido, inclusive escondido da minha própria sogra e dos meus filhos que moravam no caso em cima né. Inclusive e a única pessoa que sabia que eu estava

em casa era a minha mulher, e para ela não denunciar a minha, a minha coisa ali, com medo das crianças de certa maneira cometerem algum acidente, alguma coisa deste tipo, ela fazia o seguinte: ela se dizia muito triste e queria comer sozinha, então ela fazia o prato dela, assim mais reforçado e descia com o prato para que nós comecemos juntos lá em baixo, no porão. E aí a minha maior angústia é que a janela, janela basculante deste quarto dava para o pátio, onde as crianças brincavam, e eu ouvindo, é as brincadeiras, doido para abraçá-las, mas não podia né, com medo de que elas pudessem cometer alguma evidência. Aí eu fiquei alguns dias e a coisa se tornou impossível de ficar e aí montamos, montaram para mim, meu irmão, o saudoso João Romanelli, é o meu primo Luiz Alberto de Oliveira, o meu cunhado sempre solidário Jorge Guimarães, com minha mulher e meu pai, montaram uma fuga minha, né, porque aí a gente estava fugido com esperança ainda que houvesse uma reação, por parte daquele é, daquele anunciado, é resistência cívico militar do Assis Brasil com o Jango etc. E a ideia era a seguinte, eu ia para uma fazenda do cliente do meu pai em Alvinópolis, perto de Rio Piracicaba e esperar até para ver o que quê é, que ia acontecer desse país.

JOSÉ ALEXANDRE: Qual é o nome do pai do senhor e da esposa?

ANTÔNIO: Nome?

JOSÉ ALEXANDRE: Do pai do senhor.

ANTÔNIO: Gentil Viana Romanelli e a esposa eu já falei né, Lourdes, meu irmão João Sebastião, aí é...

JOSÉ ALEXANDRE: O Senhor foi para Piracicaba? O senhor foi para Rio Piracicaba?

ANTÔNIO: Rio Piracicaba, além de Rio Piracicaba tinha uma cidade chamada Alvinópolis e perto de Alvinópolis um arraial, uma aldeia que se chamava Caxambu ou Padre Pinto, e dessa Caxambu ou Padre Pinto eu ia para uma fazenda chamada Escadinha que ficava a uns 05 quilômetros dessa Padre Pinto [sic], mais aí não

chegava automóvel, não chegava automóvel, mas muito precariamente, então nós fomos de carro de boi que foi providenciado por esta, por este fazendeiro lá que era dono, Joaquim Pedro Cota. Aí eu, ficamos lá nessa fazenda e pela manhã ou durante o dia, eu ouvia pelo rádio, e o problema do rádio, era um problema serio também naquela época, porque eles não tinham energia elétrica a não ser aquela que ele produzia no próprio moinho. Eles tinham um moinho que usava, que ele usava para fazer fubá, essas coisas e de noite tinha uma...

MARIA APARECIDA – Roda d'água né?

ANTÔNIO: Roda Pélvic que chamava se não me engano, é um nome estranho que, era uma roda, que produzia uma eletricidade alternada, muito, é muito rustica digamos assim, se pode chamar energia, energia elétrica de rustica, mas muito, muito precária né e portanto o radio era muito mal. E é de toda maneira dava para ouvir o Repórter Ernesto. É naquele tempo o Repórter Ernesto era um programa patrocinado pelos Estados Unidos, pelo (Trecho incompreensível) né. E aí durante 20 dias eu fiquei nesta fazenda, é esperando, esperando qualquer coisa. É, houve até um fato interessante, deve ser para registro, pessoal assim, emoção pessoal, é que quando eu sai de Belo Horizonte, é nós íamos nesse carro, nós sabíamos que as estradas estavam fechadas, estavam sendo vigiadas, eu podia ser preso a qualquer momento, eu tinha um primo que se chamava Artur Ribeiro Moreira Pena, que era piloto da aeronáutica, e ele se dispôs a me levar, porque ele tinha um salvo conduto que ele dava, que dava ele inclusive o poder de prender e conduzir pessoas presas, né. Então se houvesse qualquer coisa na estrada né, ele interferiria dizendo que ele estava, que eu estava preso...

JOSÉ ALEXANDRE: Estava na guarda dele né.

ANTÔNIO: Estava sendo conduzido, né. E aí, mas ele gostava às vezes de abusar um pouco da, da bebida né. E a minha mãe fez questão de ir comigo, ela não deixou ir sozinho. Então quando nós entramos no carro e viemos pegar o meu primo, aqui na Rua Rio de Janeiro, Edifício Aljam e o meu irmão estava comigo, estava a minha

mãe, o meu irmão, e meu cunhado dirigindo. E minha mãe, meu irmão subiu para buscar o Artur, para pegar o Artur, que iria conosco com a documentação que mostrava que ele tinha que (Trecho incompreensível), ai daqui um cadinho desce meu irmão e falou assim [sic], falou com mamãe e comigo, olha esta difícil que o Artur está completamente bêbado e não está podendo não. Aí minha mãe nervosa, não deixa que eu vou lá, subiu dai um cadinho desce minha mãe com o Artur [sic], ele tal, veio sentou no carro tal, e foi viajar, quando chegamos ali na saída de Belo Horizonte, num lugar que se chama, o gente foi o, eu esqueci como é que se chama, mas foi o lugar que o ex-prefeito aqui é o Ferrara, fez lá umas casas...

JOSÉ ALEXANDRE: A saída para o Espírito Santo ali, saindo para perto de Ravena naquela, a direita, aquela pedaço que vai para Sabará vai para [sic]...

ANTÔNIO: Isso, isso mesmo.

JOSÉ ALEXANDRE: É.

ANTÔNIO: Era umas casas que mais parecia gaiolas...

JOSÉ ALEXANDRE: É, uma, seria uma favela, aquela que quase vem no asfalto, né.

ANTÔNIO: Uma coisa horrorosa.

JOSÉ ALEXANDRE: É.

ANTÔNIO: Chegou ali, havia um corpo policial, perto dali havia um corpo policial, ai estava na hora de acionar o Artur né, para, se eles parassem a gente e ai Artur e tal, Artur acordou, oh esqueci o papel lá em casa. A o jeito é enfrentar né, então felizmente eles deixaram a gente passar, não houve qualquer coisa. Quando chegamos lá, eu mim lembro perfeitamente, minha mãe se encontrou com a Sarita, Sarita que era a mulher do fazendeiro, o Joaquim Pedro Cota, virou para ela: “Comadre, eu quero entregar meu filho em suas mãos heim [sic].” Ele tá entregue (trecho incompreensível), ai Sarita virou para ela e falou assim, essas coisas que gravam na gente, coisas pequenas, grandes, pequenas ao mesmo tempo, ela virou

para mim disse assim, virou para a minha mãe e disse assim: “Pode deixar, é meu filho.” Aí ficamos, e tudo certo. Ai quando eu sai [sic], eu não podia levar muita roupa, muita coisa, por que o carro estava cheio. Então o meu cunhado, Jorge Guimarães, que nessa época morava em Alvinópolis era, ficava 09 quilômetros dessa fazenda, resolveu sair de lá, a noite, às 09h00min de Alvinópolis, para ninguém desconfiar, ele e o Silvio, que era cunhado dele, e para levar uma mala de roupas que a mamãe tinha mandado para, para Alvinópolis pelo Jorge. Ai ele foi a cavalo e eu estava dormindo, de madrugada, lá pelas 01h00min da manha, eu acordo (trecho incompreensível) tal, o grito: Pega lá, vai para lá, não sei o que e tal, eu acordei, quando eu vejo, eles vieram mim acordar, dizendo que estava chegando uns cavaleiros lá, eles achavam que eram gente que vieram mim prender. Então me mandaram sair pela porta dos fundos da cozinha, tinha um morrinho na fazenda, para eu ficar lá. E ele pegou uma espingarda que tinha, uma espingarda né, e ela, Sarita também é uma outra espingarda para mim defender né [sic], ai felizmente, meu cunhado teve a ideia de se identificar, é o Jorge, cunhado do Romalli, veio aqui para trazer roupa e tal, mas os dois já de carabina lá, veja, me defender. Ai meu Deus do céu, como a vida é. Bom, fiquei ai 20 dias, ai quando eu verifiquei que não tinha mais jeito, eu pedi ao Senhor Joaquim Pedro Cota, escrevi o telegrama para o meu pai, e pedi, pedi ao Joaquim Pedro Cota para ir a Padre Pinto, Caxambu que era 09 quilômetros da fazenda, do outro lado de Alvinópolis, e para passar o telegrama para o meu pai e ele dizia: “Pai venha mim buscar que eu já não aguento mais.” Passado uns 02 dias aparece lá, o meu pai, num carro do meu, do meu, outra vez, primo solidário Luiz Alberto de Oliveira, e meu irmão, que foi mim buscar. Foram mim buscar e eu vim para Belo Horizonte [sic], sem maiores problemas e fui para casa, e ai conversando com meu pai, dizendo o que quê a gente fazia né. Mas ai os jornais aqui de Belo Horizonte tinha publicado assim Fuga do homem das cinco mil metralhadoras, tinha até a história das cinco mil metralhadoras, que eu tinha recebi da Tchecoslováquia, trazido da Argentina né [sic], e que tinha escondido lá em Três Marias, não sei o que, acho que eles pensaram, nesse aspecto até eu já

mim referi a eles, e ai é fomos para casa, e ai os jornais disseram, publicaram (Trecho incompreensível), Estado de Minas e tal, e ai eu conversei com o meu pai e resolvemos que o melhor, não havia condições de eu ficar clandestino assim né aquela coisa, que era melhor eu mim entregar. Então o delegado do DOPS daquele tempo, antecessor do Davi Assam, era o Fabio Bandeira, e ai meu pai se comunicou com o Fabio Bandeira, e dizendo que nós estávamos despostos a nós entregar [sic], que eu estava disposto a entregar se ele podia mandar me buscarem em casa com o carro do DOPS. Ele foi disse ao meu pai, vocês próprios é que tomaram a iniciativa de se entregar, pode vir vocês em carro próprio de vocês e aqui a gente resolve o que quê, e ai nós fomos, nós entregamos, foi nesse dia quando eu estava na sala dele com meu pai, estava lá sentado na mesa do Fabio Bandeira, esse General Bragança e foi a primeira vez que eu escutei ele falar com o Fabio: Pois é Fabio, nós já estávamos com as nossos navios, com fuzileiros navais, aqui nas costas de Vitória, Espírito Santo, para ver se esse pessoal resistia e nós íamos a Vitória/Minas, a estrada de ferro Vitoria/Minas, já foi colocada a nossa disposição para transportar esses fuzileiros para Minas Gerais se fosse necessário. Essa conversa, foi uma conversa entre o meu pai e eu, assis [sic], ouvimos desse General falando com o Fabio Bandeira. Ai o Fabio me tratou assim como advogado, tratou muito bem meu pai, que era juiz federal, havia sido né, juiz federal e ele disse o seguinte, olha eu não quero mandar você lá para Neves, porque bem, tá muita gente lá, vou fazer o seguinte, tem um lugar mais tranquilo para mim estar recebendo preso político, que é o setor da aeronáutica, aqui em Lagoa Santa. E eu fui para lá, tem em fato também pitoresco neste negocio, porque quando eu sai do DOPS [sic], já sai no camburão da policia...

JOSÉ ALEXANDRE: Romanelli só, desculpa, lembra essa data, qual foi o dia?

ANTÔNIO: Foi, foi 20 dias, deve ter sido por volta de 20 de Abril, vinte e pouco, de vinte a vinte e cinco de abril de 1964, mais o menos por aí. E aí eu fui com o motorista, um agente, um detetive, eu no meio de mais dois detetives, eram um,

dois, três, quatro e eu. Éramos cinco pessoas e eu falei com o Doutor Fabio, oh Fabio eu precisa de passar em casa para pegar alguma coisa para levar [sic], pijama, uma roupa, material de higiene, etc. Não o carro passa lá para o senhor, não aproveitei para despedir da minha família, dos meninos, da minha filha, da minha mulher, dos meus filhos, que eu já estava morrendo de saudades...

MARIA APARECIDA: Nesta época o senhor já tinha quantos filhos?

ANTÔNIO: Eu já tinha cinco.

MARIA APARECIDA: Já tinha, já tinham cinco filhos já.

ANTÔNIO: Cinco filhos já. Depois disso eu não, nós não tivemos mais nenhum filho. A não espera ai, não todos já eram nascidos e todos depois foram para o Chile comigo. Bom ai eu passei em casa, morava lá no Gutierrez e tomamos caminho de Lagoa Santa. No caminho passada, isso já era tarde, e eu estava com fome, já eram quase 09h00min da noite, ai eu virei para o detetive que era o responsável pela minha guarda né...

JOSÉ ALEXANDRE: Lembra o nome?

ANTÔNIO: Heim?

JOSÉ ALEXANDRE: Lembra o nome? Do detetive?

MARIA APARECIDA: Detetive?

ANTÔNIO: Detetive? O tinha um que era muito amigo do, era irmão de um amigo meu, colega de Santa Luzia, Jaime Carmo Afonso Teixeira, era esse amigo, e esse era irmão dele, é Afonso Teixeira, eu não me lembro o primeiro nome dele [sic], Afonso Teixeira era sobrenome. E ai eu falei com ele, olha eu estou com fome e lá na hora que a gente chegar não deve ter mais comida, será que dava para o senhor dar uma paradinha para eu comer um sanduiche, tomar um leite aqui tal? Da perfeitamente Doutor [sic], aqui na frente tem um restaurante muito bom, chamado Frango Assado, esse restaurante parece que existe até hoje, é ali na saída da

Pampulha, e não podemos para se o senhor quiser, a eu quero sim. Ai foi, e eles foram comigo, os outros quatro, o motorista inclusive, ai já era para (trecho incompreensível) fique a vontade, pode sentar e tal, não tenho presa não, aí eu resolvi jantar né, aí pediu frango assado com arroz e tal, e eles também pediram, e pedi até um chope e eles também pediram e tal, tudo, até uma situação assim até meio, quase que assim, de amizade né, assim um ambiente bom, e só que na hora de ir embora, eu levantei e pedi a minha conta, ai eles disseram: Doutor nós não temos nenhum, nós não temos dinheiro não, e eu tive que pagar o jantar dos meus carcereiros né. Bom, é você vê que, eu ainda no meu livro, que eu escrevo, por isso que eu escolhi momentos pitoresco, envolver toda essa tragédia né, momentos pitoresco e o, a apresentação do meu livro, eu coloco uma frase de um grande dramaturgo francês, cujo nome eu me esqueci agora mas, em latim, era assim: “Ridendo Castigat Mores” a tradução é “É rindo que se criticam os costumes.” Ridendo castigat mores, que é mais o menos o lema da, do (trecho incompreensível) Chaplin o retorno, ou do Pasquim aqui, e tal, ou do Gnome aqui em Minas, do Jose Maria Rabelo. Bem o fato é que lá em Lagoa Santa, nós fomos para lá, ficamos lá 17 dias...

JOSÉ ALEXANDRE: Lá nas dependências da aeronáutica?

ANTÔNIO: É da aeronáutica, havia um, eles chamam de, como é que é, o lugar onde, dormitório, tem alojamento. Um alojamento dos sargentos, eles tiraram os sargentos deste alojamento, e nós entregaram, quer dizer nós alojaram lá nesse lugar né [sic], e eu me lembro de companheiros meu daquela época, o mais importante deles né, que eu tenho uma saudade imensa o meu querido Padre Francisco Lage Pessoa, né. Celius Aulicus...

JOSÉ ALEXANDRE: É jornalista...

ANTÔNIO: Jornalista Celius Aulicus. É a muita gente...

JOSÉ ALEXANDRE: O Célius sofreu muito né, o General né. Que chamava de general, o Célius Aulicus, a gente chamava ele de General né [sic].

ANTÔNIO: De General. É.

JOSÉ ALEXANDRE: Foi jornalista do Estado de Minas.

ANTÔNIO: É. E tinha um também que era o, era o Edilsom Almeida Juta. Edilsom Almeida Juta inclusive, ele depois que acabou isso, é depois de 82 ele proporcionou, ele proporcionou não, ele fez um movimento a...